



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**KAREN NADJA DE SOUZA MORAIS**

**MAURÍCIA: A MISSÃO PROTESTANTE NA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE**

**2022**

KAREN NADJA DE SOUZA MORAIS

**MAURÍCIA: A MISSÃO PROTESTANTE NA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História e narrativa.

**Orientador (a):** Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos

**CAMPINA GRANDE**

**2022**



KAREN NADJA DE SOUZA MORAIS

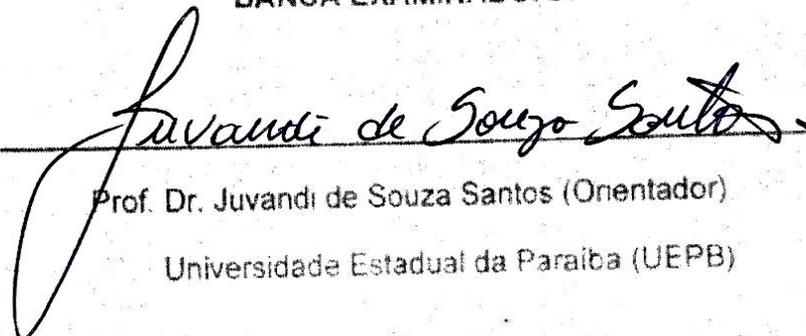
**MAURÍCIA: A MISSÃO PROTESTANTE NA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura Plena  
em História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial para a  
obtenção do título de graduada e História.

**Área de concentração:** História e narrativas

Aprovada em: 10/08/2022

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa Dra. Hilmária Xavier Ribeiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Thomas Bruno de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, ao meu irmão, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe por todo incentivo e compreensão oferecidos ao longo de toda minha jornada estudantil, os quais foram cruciais para essa conquista.

Ao meu irmão que sempre me ofereceu suporte e me proporcionou momentos de alegria nas horas mais difíceis.

As minhas amigas, Amanda, Betânia, Bianca e Winnie, a nossa união desde o início do curso foi um dos meus principais pilares ao longo do curso.

Aos meus demais colegas de turma pelos momentos de descontração e apoio.

Ao meu orientador o Dr. Juvandi de Souza Santos pela confiança e pelo conhecimento compartilhado, por ter me permitido ser bolsista e pelas aulas de campos. Sua carreira acadêmica se constitui em uma fonte de inspiração de ensinamentos.

A todos as/os professores/as do Departamento de Licenciatura plena em História que contribuíram para minha formação, por meio das conversas e leituras.

Ao LABAP- Laboratório de Arqueologia e Paleontologia pelos dois anos em que fui membro.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelas bolsas concedidas, o que me permitiu durante boa parte da minha graduação poder me aprofundar nos estudos na área de arqueologia, resultando nesta pesquisa.

“...fez-se dele um grande forte, a que se deu o nome de Margarida” (HERCKMANS).

## RESUMO

O seguinte trabalho propõe a análise sobre a presença da missão protestante durante o período de dominação holandesa na Capitania Real da Paraíba (1634-1654). Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é aprofundar os estudos da missão religiosa que foi realizada pelos holandeses para impor a fé protestante em nosso território, intitulada de Maurícia. Para alcançar o objetivo proposto iniciamos a nossa pesquisa investigando o período que antecedeu a presença holandesa, utilizando como base os estudos de Campos (1991), Israel (1995) e Braudel (2009). Somado a isso, a pesquisa se estendeu a consulta de documentos oficiais, relatórios e cartas em arquivos digitais nacionais e internacionais. Devemos ressaltar que uma parte considerável dos arquivos desse momento da nossa história se encontra em acervos estrangeiros, o que dificulta o trabalho de acadêmicos nacionais. Dessa forma, como resultado, conseguimos alcançar o objetivo da nossa pesquisa, aprofundar os estudos sob os caminhos que o calvinismo percorreu até se instalar na Capitania Real da Paraíba.

**Palavras-chaves:** História da Paraíba. Invasão holandesa. Missão religiosa.

## **ABSTRACT**

The following work proposes an analysis of the presence of the Protestant mission during the period of Dutch domination in the Royal Captaincy of Paraíba (1634-1654). In this sense, the general objective of the research is to deepen the studies of the religious mission that was carried out by the Dutch to impose the Protestant faith in our territory, entitled Mauritiús. To reach the proposed objective, we started our research investigating the period that preceded the Dutch presence, using as a basis the studies of Campos (1991), Israel (1995) and Braudel (2009). Added to this, the research extended to consultation of official documents, reports and letters in national and international digital archives. It should be noted that a considerable part of the archives from this moment in our history is found in foreign collections, which makes the work of national academics difficult. In this way, as a result, we were able to achieve the objective of our research, to deepen the studies on the paths that Calvinism took until it settled in the Royal Captaincy of Paraíba.

**Keywords:** History of Paraíba. Dutch invasion. Religious mission.

## LISTA DE FIGURAS

Figura I. Duque de Alba, presidindo o Conselho de Trouble.....	16
Figura II. Símbolo da Companhia das Índias Orientais.....	17
Figura III. Símbolo da Companhia das Índias Ocidentais.....	19
Figura VI. Esquadra holandesa invadindo a Baía de todos os Santos.....	20
Figura V. Óleo sobre tela Moradia e fortaleza do Conde Maurício de Nassau.....	22
Figura VI. Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial.....	25
Figura VII. Primeira Missa no Brasil.....	30

## SUMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. A EUROPA DO SÉCULO XVI.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Governo Filipino.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 A Espanha torna-se inimiga da Holanda.....</b>	<b>14</b>
<i>2.2.1 As invasões em Pernambuco e Bahia.....</i>	<i>19</i>
<b>2.3 Os holandeses chegam a Paraíba.....</b>	<b>23</b>
<b>3. MISSÕES RELIGIOSAS NO BRASIL.....</b>	<b>30</b>
3.1 As religiões e o seu papel no Brasil colonial.....	30
3.2 A chegada do protestantismo no Nordeste.....	32
3.3 A missão protestante na Paraíba.....	35
<b>4. O FIM DO DOMÍNIO HOLANDES.....</b>	<b>37</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a pretensão de analisar a missão protestante realizada pelos holandeses no período em que ocuparam a Capitania Real da Parahyba. Com a chegada dos europeus em terras de “além-mar”, os seus objetivos principais eram a conquista de terras, riquezas e converter novos indivíduos a doutrina da Igreja Católica, que vinha perdendo força devido a Reforma Protestante. Iniciaram-se, as missões religiosas, indivíduos que pertenciam a ordens religiosas católicas eram enviados ao Brasil para doutrinar grupos indígenas. As primeiras que ocorreram aqui no Brasil foram realizadas por ordens religiosas, como os Franciscanos, Jesuítas, Carmelitas, Capuchinhos, Beneditinos, dentre outras.

Segundo Santos (2014), na Paraíba, a evangelização ocorreu através do ciclo litorâneo, isto é todo o processo de colonização se desenvolveu a partir do litoral, com o objetivo de dominar os grupos indígenas da região, e devido a economia ser diretamente ligada à religião, logo a dominação também foi comandada pelo padroado. Logo, a fé católica começava a estar presente na rotina dessas tribos dominadas pelos colonizadores.

Esse processo vinha ocorrendo até 5 de dezembro de 1631, dia em que ocorreu o primeiro ataque holandês à Capitania Real da Paraíba. Essa guerra lenta se dava mais em se atacar o inimigo, não diretamente com vários homens, mas vencê-los a partir do cansaço e do esgotamento de seus recursos (Oliveira, 2016).

Com o ataque dos holandeses bem sucedido os lusos e espanhóis são expulsos da Capitania e com isto, foram retiradas também as missões religiosas católicas, visto que, os Países Baixos foram fortemente influenciados pela Reforma Protestante e tornou o protestantismo sua religião oficial. Assim como os portugueses, os holandeses buscavam não só angariar riquezas, mas também fiéis. O caminho percorrido pelos calvinistas nesta busca foi semelhante aos católicos, isto é, utilizaram das missões religiosas, na Paraíba a principal foi Maurícia, e esta é o alvo de estudos dessa pesquisa.

Como suporte teórico-metodológico, para a contextualização utilizamos de diversos autores como Braudel (2009), Campos (1991), Codes (2009), Israel (1995) e Lima

(2016). Para a análise das informações da história da missão religiosa, buscamos fontes que expressam o ponto de vista do lado português e holandês, afim de construir uma história com ambas as narrativas. A abordagem dessas fontes foi realizada de maneira que ocorreu uma análise literária, para destacarmos as variações textuais e discursivas de todos os autores. Foi realizada a busca em arquivos públicos da cidade de Campina Grande e no Instituto de História e Geografia da Paraíba (IHGP) em João Pessoa. Devido ao cenário atual, foi difícil e demorado ter acesso a esses arquivos públicos. Foram utilizados relatos da época registrados em cartas, encontrados em plataformas de arquivos digitais, nacionais e internacionais.

## 2 A EUROPA DO SÉCULO XVI

### 2.1 Governo Filipino

Em 20 de janeiro de 1554 nasceu em Lisboa Dom Sebastião, “O desejado”, seu nascimento foi comemorado por vários dias, pois era sinônimo da continuação da dinastia Avis, assumiu o trono com apenas três anos, com a repentina morte de seu pai. A rainha D. Catarina assumiu a função de regente e tutora do neto. Mais tarde, a governação ficou a cargo do Cardeal D. Henrique, irmão de D. João III (NICOLAU, 2018. p. 22). Tornou-se um homem muito reservado, quase celibatário, negando-se a ter filhos. O reinado do monarca foi marcado pela ambição em conquistar o norte da África, barrar a expansão dos Turcos Otomanos e anexar o Marrocos aos territórios de Portugal.

A ambição de D. Sebastião resultou na batalha Alcácer-Quibir. O exército Lusitano foi massacrado nesta batalha, milhares de mortos e prisioneiros, e o próprio rei desapareceu no campo de batalha, possivelmente morto. Entretanto, como seu corpo nunca foi encontrado, sua morte deu origem a lenda do sebastianismo, uma espécie de messianismo, o qual muitos passaram acreditar que o rei voltaria e iria salvar o povo oprimido e restauraria Portugal tornando-a novamente uma potência mundial.

Após a morte do rei, assumiu a posição Dom Henrique I, tio e cardeal de Dom Sebastião, seu reinado durou apenas dois anos, encerrando-se com sua morte em janeiro de 1580. Com o trono vago, iniciou-se a disputa entre os possíveis pretendentes: Filipe II de Espanha (1556-1598), D. Catarina de Bragança (1540-1614) e D. António, Prior do Crato (1531-1595).

Destacou-se Filipe II da Espanha Filipe I para os portugueses, nasceu em 21 de maio de 1527 em Valladolid, filho de Carlos V e Isabel de Portugal. Herdou o poderoso Império Espanhol, que se estendia para além da Europa, áreas como parte da América, África e Ásia. Teve uma criação rígida, baseada nos valores da fé católica, tornando-se um monarca muito religioso, possivelmente influenciado por sua mãe, que era uma católica fervorosa. Nas suas representações onde aparecem também itens religiosos a imagem de defensor da cristandade é intensificada, foi considerado campeão do catolicismo, o defensor da fé.

Era líder de um forte exército e, ao disputar o trono lusitano, conseguiu o apoio da nobreza e do clero, apenas o seu primo D. António, Prior do Crato, se opôs, em uma tentativa falha, declarou-se rei em Lisboa, Santarém, Setúbal e outros lugares. Derrotado em Alcântara, D. Antônio refugiou-se na França e as tropas castelhanas levaram dois meses para pacificar o território (CAMPOS, 1991, p. 32).

Vale ressaltar que a união entre as coroas lusitanas e hispânicas não foi uma ideia que surgiu a partir de Felipe II. Ao longo do século XVI, através do casamento, foram construídas ligações entre as famílias. A seguir algumas dessas uniões:

D. Manuel I, o Venturoso, casou-se com três princesas espanholas; Carlos V, monarca de Espanha, casou-se com a filha primogênita de D. Manuel Filipe II seria o filho desta última união, além disso foi de D. Sebastião, e seria esse o seu argumento legal para pleitear o trono português em 1580); D. João III casou-se com uma irmã de Carlos V e D. João II casou seu filho, D. Afonso, com a filha dos reis de Castela e Aragão, visando a incorporação da Coroa vizinha. A unificação da península Ibérica já fora tentada pelos espanhóis em 1383-85 e pelos portugueses em 1476, ocasião em que Afonso V foi derrotado na batalha de Toro. (CAMPOS, 1991, p. 28.)

Essa troca iria além da religião, havia também uma troca cultural, entre lusitanos e hispânicos. Era comum entre a nobreza portuguesa falar castelhano e vice-versa. Logo, o trono português vago, foi a chance que muitos esperavam para essa união ocorrer.

“Eu o herdei, eu o comprei, eu o conquistei”, A célebre frase é atribuída a Filipe II após a união das coroas Castelhana e Lusitana. A conquista de Portugal permitiu ao império espanhol estender seu poder por toda América, antes impossibilitado devido ao Tratado de Tordesilhas. Apesar da posse do rei espanhol, Portugal possuía uma grande autonomia, toda administração e cargos de alto nível seriam ocupados única e exclusivamente por portugueses. A língua oficial, a moeda, a religião oficial (catolicismo) também permaneceram as mesmas.

Os primeiros anos de governo Filipino, foram marcados por grandes conquistas, como a expansão do catolicismo, desempenhando o “campeão da contra reforma” (CAMPOS, 1991, p. 34). Filipe II queria pôr fim a expansão do protestantismo na Europa. O Santo Ofício foi beneficiado durante todos os sessenta anos da União Ibérica e se tornou uma das principais instituições, experimentando transformações institucionais, governativas e sociológicas (CODES, 2009, p. 160). Apesar da

interferência dos monarcas espanhóis ao longo das décadas, a Inquisição portuguesa manteve seus valores e independência.

Foi no governo de Filipe II que a União Ibérica afundou-se em uma grave crise fiscal, o padrão de vida luxuoso da nobreza, levou a dívidas com os banqueiros. Para diminuir o prejuízo, houveram as altas nos produtos o que gerou muito lucro para a Coroa, entretanto, levou milhares de indivíduos a linha da miséria. Os compromissos monetários da Coroa junto aos banqueiros eram estimados em 70 milhões de ducados aproximadamente (CAMPOS, 1991, p. 38).

## 2.2 A Espanha torna-se inimiga da Holanda

Para Braudel (2009), o processo de ascensão holandês teve uma natureza gradual e cumulativa. O crescimento dos países baixos foi gradativo e cumulativo, a agricultura e a pecuária eram as principais atividades econômicas, o que levaria a conhecida “revolução agrícola”. O relacionamento com o exterior era pacífico, uma expansão silenciosa e discreta:

Resumindo, o primeiro amplo florescimento da Holanda decorreu da ligação assegurada pelos seus navios e pelos seus mercadores entre um polo Norte, o do Báltico e das indústrias flamengas, alemãs, e francesa, e um polo sul, o de Sevilha, a grande abertura para a América. A Espanha recebe matérias-primas e produtos manufaturados; os holandeses asseguram-se, oficialmente ou não, dos retornos em dinheiro vivo. E a prata, garantia dos seu comércio, de balança negativa, com o Báltico, é o meio de forçar os mercados e afastar a concorrência (BRAUDEL, 2009, p.191)

A expansão da reforma protestante, já durava mais de quatro décadas e devido à proximidade geográfica as ideias começaram a se tornar presentes e alguns nobres começaram a simpatizar e ter tolerância com protestantes, no território holandês. Uma das características marcantes do governo filipino foi a necessidade de expandir a fé católica por toda Europa e barrar o avanço do protestantismo. Ao norte da Europa, a Inglaterra e os Países Baixos, tornaram-se uma ameaça para a União Ibérica. A tolerância religiosa da província passou a atrair investidores que unidos, futuramente iriam se tornar uma potência mundial.

Filipe II estava completamente ciente dessa realidade e logo começou a campanha da contra reforma e tentou intervir nas questões administrativas. Mesmo assim, ele tentou encaminhar uma reforma da igreja e ordenou uma série de medidas contra a heresia (LIMA, 2016, p. 63). Aos poucos o protestantismo foi ganhando

espaço e logo nobres holandeses se converteram ao protestantismo e passaram a exigir respeito.

. Igrejas católicas passaram a ser alvos de ataques e em 1566, ocorreu uma forte retaliação dos holandeses, no que resultou na perseguição de padres, na invasão e destruição de igrejas e de imagens, operando um movimento iconoclasta chamado de “tempestade das imagens” (SCHALKWIJK, 2004, p. 34). A situação só se acalmou quando ocorreu o acordo de 23 de agosto de 1566, entre os nobres, destaque para Guilherme de Orange e a regente Margarida de Parma, o qual estabeleceu “a paz religiosa” os cultos protestantes continuaram sendo realizados. Entretanto, a paz não duraria muito tempo, ao longo dos meses, foi-se criando uma tensão e ambos os lados começaram a preparar seus exércitos.

Menos de um ano depois, Margarida proíbe cultos protestantes e igrejas são fechadas. Os protestantes se revoltam, por serem minoria, foram derrotados. Uma das medidas tomadas por Filipe II foi o envio de Fernando Alvares de Toledo para ocupar o lugar de Margarida de Parma, o Duque de Alba convocou o Tribunal dos Tumultos (Figura I), para julgar e punir os indivíduos que estavam promovendo os ataques contra a igreja católica, o resultado foi a morte de milhares de pessoas. Orange, Brederode e muitos nobres envolvidos nas revoltas fugiram, a maioria para Alemanha (LIMA, 2016, p. 66).

Figura I: Duke of Alba, presiding over the Council of Troubler. Autor: Simon Frisius. Ano: 1613-166. Gravura, fol. 147.



Fonte: Nederlands Legermuseum, Países Baixos.

Nos próximos vinte anos a tensão entre os espanhóis e os países do norte foi crescendo e acontecendo diversos conflitos, um dos principais foi a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). Holandeses, flamengos, zelandeses e grupos de outras províncias, uniram forças armadas para a criação de um potente exército até que em 1579 houve a União de Utrecht, e declararam independência do governo espanhol, surgindo a República das Sete Províncias Unidas dos Países baixos a qual não foi reconhecida por Felipe II.

Em retaliação, Filipe II proibiu que os portos espanhóis comercializassem com os holandeses, um duro golpe para economia, pois nesse período já havia ocorrido a União de Portugal e Espanha, logo a Holanda<sup>1</sup> ficou impossibilitada de comercializar

<sup>1</sup> A partir desse momento iremos utilizar as terminologias “Holanda” e “holandeses” para nos referirmos a determinado grupo de indivíduos e espaço geográficos, por serem utilizadas na historiografia de maneira comum. Entretanto, destacamos que estamos cientes que nessa época

com toda a América. Nessa época a Holanda estava se tornando um grande produtor do açúcar refinado, importava do Brasil, refinava e exportava para outros países. O embargo permaneceu entre 1585 e 1590 quando foi suspenso.

Na mesma época, em 1588 a União Ibérica possuía um forte exército, possivelmente esse fato passou cada vez mais confiança para Felipe II que começou almejar a anexação da Inglaterra que estava se tornando uma ameaça, devido ao crescimento da esquadra e também a questão religiosa. Pensando nisso, a União Ibérica declarou guerra à Inglaterra. A esquadra espanhola era composta por 130 naus sendo 12 portuguesas, e 27 mil homens (CAMPOS, 1991, p. 40), devido a essa grandeza, ficou conhecida como a invencível armada. O lado inglês possuía 34 galeões e 197 navios, com aproximadamente 15 mil homens. Analisando o poder bélico de ambos, a vitória espanhola parecia iminente, entretanto, a estratégia inglesa de barcos menores e ataques rápidos, destruiu dezenas de embarcações da Espanha, resultando na vitória da Inglaterra.

O final do século XVI<sup>2</sup> foi marcado por tensões entre a União Ibérica e a Holanda, visto que mesmo com o embargo decretado, a Holanda continuou explorando a América, porém navegava por portos menos frequentados e mais afastados para não chamar atenção, e passou também a participar do comércio escravocrata na África Ocidental (ISRAEL 1995, p. 325). A crise se espalhava pelo campo econômico, político e social:

Cenário conturbado esse que refletiu em guerras pelo continente europeu, as quais acabaram motivando conflitos nas colônias espalhadas pelo mundo, principalmente por fatores de ordem política e econômica devido a emergência dos grandes Estados europeus de ampliarem seu desenvolvimento econômico e social (LIMA, 2016, p. 30).

Com o intuito de potencializar a exploração do comércio marítimo em 1602 foi criada a Companhia das Índias Orientais, conhecida como VOC, Vereenigde Oost-Indische Compagnie (Figura II).

---

existia a República dos Países Baixos composto por sete províncias, dentre as quais se destacava a Holanda, de maneira política e econômica.

<sup>2</sup> Essa época foi marcada também pela transição do reinado, Felipe II faleceu em 1598, assumia Felipe II de Portugal e III da Espanha.

**Figura II:** Símbolo da Companhia das Índias Orientais (Vereenigde Oost-Indische Compagnie).



**Fonte:** Commons (2022)

Mercadores e banqueiros investiram na companhia os seus capitais esperando receber um alto lucro. Por ter uma certa independência do Estado a Companhia organizou o seu próprio exército, apesar do objetivo não ser guerra, se necessário o usariam. O alvo da companhia era negociar com as principais potências asiáticas, logo passou a se disputar com os portugueses o controle de rotas fundamentais para o comércio marítimo:

Tratada pela bibliografia como uma companhia majestática, a VOC era regida por um estatuto construído pelos Estados Gerais. Também era a República que assegurava seu formato inovador: a Voc era uma sociedade de ações, sendo seu capital dividido em quotas iguais e transferíveis. Desmembrada em câmaras que mantinha seu capital próprio separado do das demais, a VOC possuía um quadro de diretores, o Heeren XVIII- literalmente, os Dezesete Senhores - que estipulava diretrizes gerais e políticas para todas as câmaras. As vagas de direção eram ocupadas pelos governadores das câmaras com a ressalva de que, das dezesseis vagas disponíveis, oito deveriam ser ocupadas pelos governadores de Amsterdã, como contrapartida pelo maior investimento feito (NAVARRO, 2015, p. 64).

Com o poder bélico holandês crescendo e a Holanda irredutível em estabelecer o Calvinismo como religião oficial, em 1609 a Espanha não viu outra opção a não ser aceitar a proposta de cessar fogo, mais tarde conhecida como a Trégua dos Doze Anos, assinada em 9 de abril de 1609, na Antuérpia.

Apesar da paz declara, pequenos conflitos continuavam ocorrendo e em 1618 ocorreu a eclosão do conflito que posteriormente ficaria conhecido como a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e esse deu fim à trégua reacendendo o conflito entre Espanha e Holanda, seis anos mais tarde, ocorreria a primeira invasão holandesa no Brasil.

### 2.2.1 As invasões em Pernambuco e Bahia

Com a guerra declarada, os portos e as terras da colônia portuguesa tornaram-se alvo dos holandeses, anteriormente já haviam visitado e sabiam quão eram valiosos. A responsável por organizar essa invasão foi a Companhia das Índias Ocidentais conhecida como WIC, West-Indische Compagnie (Figura III).

**Figura III:** Símbolo da Companhia das Índias Ocidentais (West-Indische Compagnie).



**Fonte:** Sterlingnumismatic (2011).

Criada em 6 junho de 1621 detinha o monopólio holandês, seguia uma organização similar à VOC. Um dos seus principais objetivos era tomar o comércio do açúcar brasileiro. Como estratégia, seu alvo foi a Bahia de todos os Santos está, quase não possuía defesa.

Para os habitantes de Salvador, a visão da arma que adentrava a baía causou pânico e correria. Apesar de terem sido avisados pelo rei da possibilidade de um ataque holandês, a defesa da cidade não contava com nenhuma estratégia especial. Mesmo sabendo da presença de uma nau holandesa na região de Boipeba desde o dia 13 de abril de 1624, o governo Diogo de Mendonça Furtado, a despeito dos seus esforços, não conseguiu organizar uma defesa satisfatória da cidade. (BEHREND, 2013, p. 11).

Devido ao medo e estarem ciente que não tinham forças contra os invasores, os portugueses que estavam na região da Baía, fugiram para o interior. A cidade esvaziou rapidamente, num evidente sinal de pavor por parte de seus habitantes que deixaram o que possuíam para trás (BEHRENS, 2004, p. 11). Finalmente os holandeses tinham conquistado seu espaço na colônia das riquezas (Figura IV):

Na manhã do dia seguinte apareceu alguém acenando uma bandeira branca anunciando a entrega da cidade. Temendo uma emboscada, entraram em posição de combate. Para surpresa dos invasores, a maior parte dos habitantes havia abandonado a cidade. Encontraram apenas alguns negros, muito ouro e prata nas casas e igrejas abandonadas e o Governador que, juntamente com alguns jesuítas, frades, oficiais e soldados, fora todos aprisionados e enviados para a Holanda. (BEHRENS, 2004, p.9)

**Figura IV:** Esquadra holandesa invadindo a Baía de todos os Santos. Pintura de Hassel Gerritsz.



**Fonte:** Zona Curva (2016).

Salvador agora era “Terra Batávica”.

Apesar do sucesso da invasão, os holandeses não passariam muito tempo na Bahia. Logo, a vida na colonial se tornaria um desafio, não só pelos conflitos diários contra os portugueses, negros e indígenas, mas condições como, o calor do clima tropical e as doenças contagiosas que aqui existia, somadas a que estes mesmos trouxeram.

Logo, Filipe IV <sup>3</sup> tratou de enviar uma esquadra composta por 56 navios e 12.463 (SCHWARTZ, 1991, p. 735) para combater os holandeses, esse conflito ficou conhecido como a Jornada dos Vassalos. Há relato do padre Bartolomeu, membro da Companhia de Jesus, publicado em 1625, relatou o olhar que os lusos tinham dos holandeses “hereges e rebeldes a Deus na fé”. Segundo o Padre Bartolomeu (1625), ao desembarcar, o principal alvo foram os quartéis, conventos e mosteiros. Após a retomada, missas foram realizadas para “purificar” as terras que um dia foram dos calvinistas.

Apesar da derrota em Salvador, os holandeses não iriam desistir, após cinco anos invadiram Pernambuco. Assim, como na Bahia, quem comandou o ataque foi WIC, passou anos estudando a região e percebeu que a defesa da área da Capitania de Pernambuco era fraca. O roubo de uma frota espanhola que estava transportando grande quantidade de prata, na Baía de Matanzas em Cuba. O saque favoreceu os holandeses para angariar riquezas e bancar as expedições, estima-se que a carga estava avaliada em nove milhões de ducados.

Em fevereiro de 1630, desembarcaram na praia de Pau-Amarelo e marcharam para a conquista de Olinda. Assim como em Salvador, os pernambucanos não tiveram chances contra os holandeses, não houve tempo para organizar-se militarmente, o governador Mathias de Albuquerque ordenou aos comandantes abandonarem a cidade. Olinda foi violentamente destruída pelos colonizadores, a seguir o relato do português Diogo Lopes Santiago:

Em dia de Santa Catarina, 25 de novembro de 1631, pondo-lhe fogo por todas as partes, que foi um miserando espetáculo; assim ardeu a infeliz vila d'Olinda tão afamada por suas riquezas e nobres edificios, arderam seus templos tão famosos, e casas que custaram tantos mil cruzados em se fazerem, sem ter lástima o desumano holandês de pôr fogo a tão grandiosa vila, que ficando em pé e intacta, servia de memória sua em a haverem ganhado: tanto que puseram o fogo foram todos marchando para o Recife (SANTIAGO, 2004, p. 49).

Outro ponto de vista sobre a destruição da cidade, o holandês Ambrósio Richshoffer:

A 17 começou a demolição dos edifícios da cidade de Pernambuco, transportando-se mais tarde para o povo material aproveitável. A 24 a nossa gente que ali se achava retirou se para a aldeia Povo ou Recife, destruindo

---

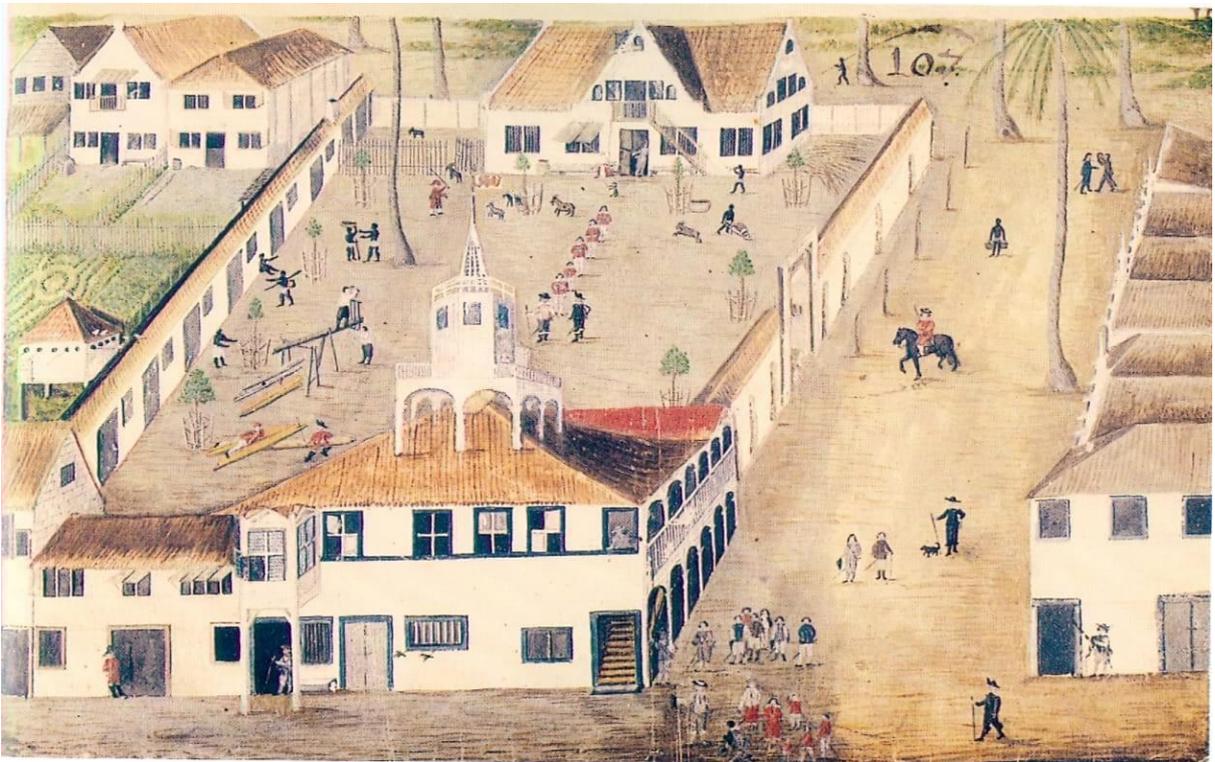
<sup>3</sup> Em 1621, morria Felipe III da Espanha, Felipe IV da Espanha assumiu em meio a uma grave política externa, seu reinado seria o último do Governo Filipino.

resolução foi motivada pelo fato de ser a cidade toda montanhosa e desigualmente edificada, sendo difícil de fortificar e exigir uma forte guarnição, que podíamos empregar melhor aqui e em outros pontos (RICHSHOFFER, 1978, p. 129).

Devido ao conflito prolongado, os holandeses elegeram Recife como sede da capitania, ali eles passariam 24 anos.

Posteriormente, já com a conquista consolidada, em 23 de janeiro de 1637, chegou em Recife o Conde João Maurício de Nassau-Siege, acompanhado por uma comitiva de 2700 indivíduos, entre eles militares, cientistas, médicos e artistas. Era membro da família aristocrática, nobre da casa de Orange e naturalmente possuía uma formação intelectual e militar. Ao chegar assumiu o Governo de Pernambuco até 1644 e se instalou em Recife, na região próxima ao porto (FIGURA V).

**Figura V:** Óleo sobre tela Moradia e fortaleza do Conde Maurício de Nassau.



**Fonte:** Teixeira Meto (2004).

O governo de Nassau foi marcado pela produção açucareira, se reconciliou com os senhores de engenhos oferecendo benefícios como linhas de créditos sem juros abusivos. Devemos ressaltar também a tolerância religiosa instalada, o que chamou a atenção de muitos indivíduos que posteriormente teriam sido punidos pela Igreja Católica. Houveram também missões protestantes, porém não foram edificadas

muitos templos, pois os holandeses preferiram ocupar locais já utilizados pelas missões católicas. Podemos dizer que ocupar esses locais, para os protestantes seria a garantia que cultos católicos não voltariam a acontecer. A seguir o relato de uma dessas invasões, igreja de Apipucos e do Arraial Velho em 1645:

(...) na Igreja do Arraial, depois de lhe quebrarem as portas, e os caixões das confrarias, e roubarem todos os ornamentos, fizeram em pedaços as imagens sagradas dos Santos; o que também haviam feito nos Apipucos, com grande ódio da Santa Fé Católica Romana; e depois de haverem roubado tudo o que puderam achar, cavaram todas as casas, e quintais dos moradores, para ver se achavam algum dinheiro, prata, ou ouro, enterrado, (...) (CALADO, 1987. p. 45).

Se por um lado, Olinda foi destruída, Recife durante o período holandês sofreu uma grande expansão, foram criadas: as obras de saneamento, suas pontes, palácios, coleções de arte, jardins e zoológicos:

Nesse Período, o Nordeste transformou-se em um espaço urbano e dinâmico. Com a presença de Nassau, a pequena vila de pescadores foi transformada em centro comercial e a ilha de Antônio Vaz em residência para os grandes burgueses e para o Conde. Recife foi a primeira no Brasil colonial a ter um plano urbanístico definido: ruas cortadas regularmente, saneamento da zona, escoamento das camboas, construção de pontes e diques. A cidade passou a ter visibilidade (LUCENA, 2011, p. 1495).

O período de paz durou de 1637 a 1644, nesse ano o Conde Maurício de Nassau retornou a Holanda<sup>4</sup>. Nessa época, formava-se um contexto de insatisfação dos colonos para com os holandeses, a relação com os senhores de engenhos já não era mais pacífica, devido a dívidas acumuladas do governo Nassau, foi necessário aumentar os juros que durante muito tempo permaneceram baixos. Somado a isso, iniciou-se por parte dos holandeses, uma verdadeira perseguição contra os católicos, proibindo inclusive a chegada de novos padres. A gota final foi o fracasso da lavoura canavieira e mesmo assim, os juros extorsivos foram aplicados.

Em 1645, pouco menos de um ano do regresso de Nassau, eclodiu a Insurreição Pernambucana, e o objetivo era retomar Pernambuco e expulsar os holandeses, os amotinados receberam apoio interno e externo, do rei de Portugal. Poderíamos aprofundar mais esse tema, porém como o objeto de estudo é a Paraíba,

---

<sup>4</sup> Durante esse período ocorreu na União Ibérica o movimento conhecido como Restauração, essas manifestações resultaram no rompimento do governo filipino que durou sessenta anos. Portugal retomou sua autonomia, assumiu o reinado D.João IV.

iremos nos limitar a falar apenas o resultado da Insurreição, após inúmeras batalhas a expulsão dos holandeses foi concretizada.

### 2.3 Os holandeses chegam a Paraíba

Devemos ressaltar que a invasão à Paraíba não foi algo repentino, há relatos que o território já era alvo dos flamengos décadas antes de invadirem. A conquista da Paraíba foi dividida em quatro momentos: 05 de dezembro de 1631, 26-28 de fevereiro de 1634, 02-23 de dezembro de 1634 e 24-31 de dezembro de 1634.

Na Paraíba, as notícias de um possível conflito já chegavam, e logo o atual capitão-mor Antônio de Albuquerque Maranhão tratou de fortificar o território para o possível conflito. Nessa época, a Paraíba já contava com o Forte de Cabedelo localizado na entrada do Rio Paraíba e o Forte do Varadouro<sup>5</sup> na entrada da cidade de Filipeia<sup>6</sup>.

Antonio de Albuquerque ordenou a construção de um novo forte na outra margem da entrada do rio, que veio a ser o Forte de Santo Antônio, como também despachou ordens para recrutarem-se soldados; solicitou armas e munição da metrópole; além de ordenar a reforma do Reduto da Restinga e a construção de outros redutos na praia de em torno da cidade (OLIVEIRA, 2018, p. 126).

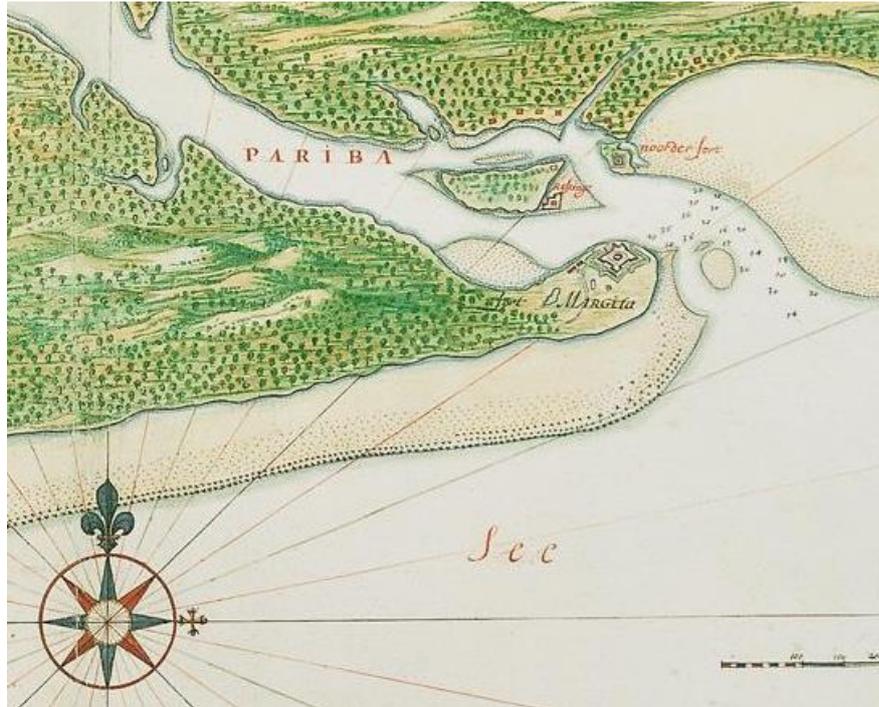
Após erguer o forte, o litoral já se encontrava completamente protegido (Figura VI). Entretanto, não foram o suficiente para combater a força bélica e a ousadia dos holandeses em atacar o principal redutor militar: o Forte de Cabedelo<sup>7</sup>. Em 26 de novembro durante o conselho de Guerra da WIC, seria decidido qual o próximo alvo dos holandeses após o ataque bem sucedido a Olinda, a dúvida era entre o Arraial do Bom Jesus e a Paraíba. Logo, observou-se que o Arraial estava muito bem protegido e as fortificações da Paraíba demonstraram-se mais frágeis, e o alvo foi escolhido.

**Figura VI:** Joan Vingboons. Frederyce Stadt. c.a. 1640 (1660). Nationaal Archief te Den Haag. (In: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. Ao lado inferior direito da figura a Fortaleza de Santa Catarina e o fortim de Santo Antônio e o Fortim da Restinga.

<sup>5</sup> O forte do Varadouro.

<sup>6</sup> Atual João Pessoa.

<sup>7</sup> Atualmente conhecido como fortaleza de Santa de Catarina.



**Fonte:** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2002.

De acordo com Keegan (1995), as construções não eram feitas de maneira aleatória, obedeciam ao padrão baluarte:

O novo sistema de fortificação teria de incorporar características que resistissem ao bombardeio e, ao mesmo tempo, mantivessem a infantaria do inimigo à distância. A solução para esse problema de diminuir a altura e aumentar a espessura foi o bastião angular, que se projetava dos muros, dominava o fosso e era suficientemente forte para não ser destruído por uma concentração de fogo inimigo. (KEEGAN, 1995, p. 334.)

As tensões entre Pernambuco e Paraíba aumentavam, fugitivos de ambas as capitanias entregavam informações sobre como estavam sendo organizadas as tropas, como o relato do tenente-coronel Diederik o qual fala sobre um índio vindo da Paraíba que forneceu informações sobre as tropas paraibanos, ajudando no planejamento do ataque de 1631 (XAVIER, 2007, p 145).

Houveram diversos relatos de pessoas levando informações aos holandeses e possivelmente por saberem que a entrada do Rio Paraíba estava fortemente protegida, isso causou certo receio, afinal foram três anos entre o alvo ter sido definido até ocorrer a primeira invasão. Entretanto, com o tempo e mais informações, perceberam que a defesa não representava uma ameaça tão grande quanto imaginaram. A Paraíba nesse período se destacava, pois, a produção açucareira aumentava, tanto em qualidade quanto quantidade e era um ponto estratégico para a

proteger o Pernambuco, possivelmente ao anexar a Paraíba, os holandeses imaginariam que fortaleceriam a dominação holandesa na região.

Em 2 de dezembro de 1634 a frota holandesa zarpu o porto do Recife em direção à Paraíba. De acordo com Joannes de Laet, os detalhes da primeira esquadra:

Foram nomeados para dirigir essa expedição o tenente-coronel Steyn-Callenfels e os conselheiros políticos Carpentier e Van der Haghen; foram mandadas 13 de companhias, a saber: as do coronel, as dos majores Redinchoven e Berstedt, dos capitães Meppelen, Cloppenburgh, Hellingh, Baron Schenck, Everwijn, Bijma, Huyghens, Levin, Palmer e Koeck, sommando ao todo cerca de 1600 homens. Para transportá-los foram escolhidos os seguintes navios: Amsterdam, de Geunieerde Prointien, 't Wapen van Delft, groot horn (no qual ia o coronel). Omlandia, Goude Leewv, den Hollandtschen Thuyn, de Fortuyn, Maeght van Dordrecht Munnickendam, t' Wapen van Medenblick, Groeninghen, Pinas, Windthondt, Maeght van Enchuysen e o Vriessche Jagher. (LAET, 1920, p. 218).

No dia 4 de dezembro chegaram à região que hoje se estende entre Cabo Branco e Cabedelo. Na manhã seguinte, o tenente-coronel Steyn-Callenfels e o major Berstedt, ordenaram o desembarque e levantaram o acampamento na praia. Entretanto havia ali o reduto do Cabo branco, criado pelo governador Antônio de Albuquerque para ter mais um ponto estratégico. E de fato, ocorreu um conflito, os portugueses, espanhóis e indígenas abriram fogo contra os invasores. De acordo com Laet (1920, p. 219), devido a fraca defesa do reduto, quanto mais combatentes holandeses avançavam mais os lusos e espanhóis recuaram, até que abandonaram o reduto e fugiram para o Forte de Cabedelo.

Os dias seguintes foram marcados por diversos conflitos, tropas foram enviadas para auxiliar os portugueses no combate, até que no dia 12 de dezembro, os holandeses abandonaram o acampamento e voltaram aos navios. Os holandeses deixaram munição, balas de canhão, pás, enxadas, mantimentos e outros objetos ficaram para trás (ROSÁRIO, 1632, p. 14).

Em 1634 a WIC planejou um novo ataque à Paraíba. Os invasores estavam confiantes pois em dezembro de 1633 haviam conquistado o Forte dos Três Reis Magos em Natal, ponto estratégico importantíssimo para organizar e fortalecer. No dia 24 de fevereiro de 1634, zarparam e no dia 27 chegaram em frente a foz do rio Paraíba. O ataque dessa vez seria mais organizado, estavam divididos em dois grupos, o primeiro iria percorrer o rio Paraíba e tomar o controle da ilha da Restinga, e o segundo foi em direção a Lucena e atacar o forte de Santo Antônio. Apesar da

organização, os holandeses passaram apenas 2 dias na Paraíba, como na batalha de Cabedelo, ao chegarem foram recebidos a tiros e disparos de canhão, no combate estava o Schokppe, e sua experiência ao analisar o contexto e como vinha ocorrendo os pequenos conflitos, rapidamente percebeu que possivelmente estavam em desvantagem. No dia 28 de fevereiro de 1634, os últimos soldados retornaram aos navios. Para Oliveira (2016), o ataque se tratou de algo paliativo, para manter o inimigo ocupado e tenso, do que uma medida a qual o objetivo seria a conquista das terras. Os holandeses só retornariam no final daquele ano, mais fortes e determinados.

Após um mês de preparação, os holandeses chegaram a Cabo Branco no dia 4 de dezembro, de acordo com Duarte de Albuquerque (1654, p.152), foram pelo menos seis mil soldados e quarenta embarcações. Os fortes paraibanos encontravam-se preparados e bem abastecidos de munições e suprimentos. Toda região foi fortificada, trincheiras foram cavadas, soldados e capitães-mores distribuídos. Segundo Laet (1925, p. 50), o iate Phenix foi enviado pelo coronel Schkoppe para encontrar um local apropriado para o desembarque. De acordo com os relatos, ficou nítido que dessa vez a vantagem seria dos holandeses. Naquele mesmo dia, houveram conflitos, resultando em dezenas de mortes de ambos, entretanto, os holandeses conseguiram capturar portugueses, os utilizaram a seu favor, extraíndo informações sobre a defesa paraibana. Ao contrário dos últimos ataques, dessa vez os invasores estavam focados em se estabelecer e não atacar.

Assim como os outros invasores, os holandeses também perceberam que seria necessário se aliar a algumas tribos indígenas da região, caso contrário, seriam mais um problema. E assim fizeram, na época já possuíam aliança com os tapuias no Rio Grande e tentaram reproduzir o mesmo da Paraíba.

Com o apoio, aos poucos os holandeses iam avançando, no dia 9 de dezembro tomaram a ilha da Restinga:

A nossa força tendo desembarcado sem demora alguma na ilhota, o Major Jean Decars partio com a gente que levava, juntamente com o Commandeur Lichthart com 10 marinheiros (providos de machados de outras cousas necessárias para demolir as paliçadas) atravez do matto e direto para a bateria ou fortim. Mas chegando ao fim as árvores acharam que aquelle como estava separado da ilhota e cercado d'agua, de sorte que lhes era muito difficil ir até lá antes que a maré tivesse atingido quase a máxima vasante; deitaram-se, portanto, no mato aguardando a occasião. A maré estando quase vasia sahiram de lá dous Portuguezes para espiar noss gente, e os nossos tendo

visto isso assaltaram o fortim com muito ardor e apesar de lhe descarregar duas com metralha, matando a tres e ferindo alguns, o inimigo ficou tão desconcertado por esse assalto inesperado e os nossos accometteram com tal intrepidez que um pouco tempo ficaram senhores da praça. (LAET, 1925, p.53).

Menos de dez dias depois, outro importante conquista, o forte de Cabedello foi capturado:

Assim Cahio em nossas mãos o forte Cabedello ou Sta. Catharina, situado à margem Sul do rio Parahyba. Foram encontrados nelles seis canhões de bronze (um dos quaes tinha uma brecha) atirando 10 e 16 libras de ferro e 15 columbrianas atirando 12, 8, 6 e 5 libras de ferro, uma boa quantidade de balas e alguns barris de pólvora e outros artigos bellico. Os nossos durante assedio deram 468 tiros com canhões de grande calibre e 60 com columbrinas e atiram 52 granadas grande e 7 bombas de morteiro. Tiveram ao todo 32 mortos, entrando nesses números dous capitães e um porta insignia: o inimigo teve cerca de 30 mortos. (LAET, 1925, p. 58).

“...fez-se dele um grande forte, a que se deu o nome de Margarida” (HERCKMANS, 1982, p.10). Após comemorações, cultos e reparo no forte, três dias depois ocorreu a rendição do forte Santo Antônio. Após as conquistas marcharam em direção a Filipéia, e assim ela foi encontrada:

Ao chegar por volta do meio-dia, o exército holandês se deparou com uma cidade em silêncio. O forte do Varadouro havia sido abandonado e alguns canhões haviam sido jogados no rio e outros levados embora. Outros canhões localizados numa bateria no porto e num reduto na cidade, ou foram levados ou jogados no rio. (OLIVEIRA, 2016, p. 162)

Após o abandono e negociações com o governador, Filipéia foi rebatizada e agora era Frederica, em homenagem a Frederico Henrique, Príncipe de Orange (1625-1647). Os dias seguintes foram marcados por mudanças e a introdução do poder holandês, o Conselheiro Político Servaes Carpentier foi nomeado para assumir a governança da Paraíba e do Rio Grande e os moradores que não fugiram, foram apresentados ao novo governo. Logo no dia 6 de janeiro, o navio Windt-handt zarpou do Recife em direção a Amsterdã, para levar a notícia da nova conquista.

Não só no quesito defesa militar o forte de Santa Catarina foi importante, como foi citado anteriormente nele foi realizado o primeiro culto protestante, o qual foi proferido em três línguas, a holandesa, a francesa e a inglesa. Monteiro (1972) afirma que foi a partir da fortaleza que a igreja reformada penetrou na Paraíba. Porém, para buscar novos fiéis igreja reformada, a protestante utilizou das missões religiosas para ir além, estratégia já utilizada pelos católicos, com isso a palavra da igreja reformada

foi levada para além dos muros da fortaleza, chegando em aldeias católicas e posteriormente criou a sua própria missão intitulada Maurícia.

### 3 MISSÕES RELIGIOSAS NO BRASIL

#### 3.1 As religiões e o seu papel no Brasil colonial

As organizações religiosas nas colônias não eram administradas de acordo com a crença da maioria, mas de uma minoria colonizadora composta por membros pertencentes a igreja católica e a Coroa.

O início do XVI foi marcado não só pela chegada dos europeus em terras brasileiras, mas também pelo enfraquecimento das estruturas da Igreja Católica, causado pela Reforma Protestante. Devido a este contexto, a colonização desde o seu início teve como objetivo não só angariar riquezas, mas também novos fiéis. Uma análise na documentação da época, confirma tal fato, como o Regimento de Tomé de Souza escrito por Dom João III “[...] porque a principal cousa que me moveu a povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse à nossa santa fé católica [...]” (Dias,1921, p. 347).

A igreja católica esteve presente desde o primeiro momento da colonização e foi um dos pilares fundamentais deste processo. Foram os Franciscanos a primeira ordem religiosa a chegar no Brasil, vindo junto com a frota comandada por Pedro Álvares Cabral, responsáveis também pela realização da primeira missa no Brasil, a qual ocorreu no dia 26 de abril de 1500 (Figura VII).

**Figura VII:** Meirelles, Victor (1832 – 1903) – Primeira Missa no Brasil, 1860.



**Fonte:** Arquidiocese (2020).

De acordo com a documentação da época este momento foi visto pelos nativos com bons olhos e a reação destes foram de respeito ao culto, como vemos no trecho a seguir da carta de Pero Vaz de Caminha:

E quando veio o evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas ele (os índios) se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim até ser acabado: e então tornaram-se a assentar como nós... e em tal maneira sossegados, que, certifico a vossa alteza e nos fez muita devoção. (OLIVIERI, 1999, p.23)

Tal atitude por parte dos nativos passou a imagem para os portugueses que o processo de conversão dos indígenas ao catolicismo seria um processo pacífico. Entretanto, como é de nosso conhecimento, esse período foi marcado por guerras, as quais resultaram no genocídio que exterminou milhões de indígenas.

De acordo com Santos (2014), apesar da igreja católica possuir muito poder, esta não teve autonomia total durante o processo colonizador, a qual para alcançar o objetivo de catequizar os índios utilizou das missões religiosas. Tudo que os missionários realizavam durante as missões primeiro era aprovado pela coroa e só então executado, antes de embarcar juravam obediência à coroa e não era permitido realizar atividades que viesse a prejudicá-la. O sistema missionário é o conjunto de traços implantados pelos missionários Jesuítas com o objetivo de evangelizar os indígenas, dentro do sistema de colonização espanhola, que foi realizado em nome de Deus e de sua Majestade (FLORES, 1983, p. 161). Era um sistema extremamente rígido e a única fé permitida era a católica, entretanto, foi contaminado pelas diversas religiões indígenas, africanas e pelo protestantismo trago por outros povos europeus.

Sendo assim, o período Colonial foi marcado por um catolicismo sincrético, e isso, mesmo apesar do Santo Ofício e a Inquisição buscarem controlar toda forma de heresias e paganismos na colônia, e mesmo trazendo punição para qualquer outra crença que não fosse o catolicismo, tendo em vista que: “O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia, sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa” (SOUZA, 2009, p.124).

O processo de instauração do catolicismo no Brasil foi medieval, o colonizador se via como um ser superior, o qual foi enviado por Deus para salvar os indígenas que eram vistos como pagãos. Os religiosos daquele período acreditavam que era seu dever purificar as novas terras encontradas, foram realizadas verdadeiras Guerras Santas para alcançar esse objetivo, com a espada na mão os bandeirantes

assassinavam aqueles que se opunham e iam abrindo espaço e oferecendo proteção para as ordens religiosas. De acordo com Vainfas (2010), para os jesuítas a resistência dos indígenas, tinha uma justificativa clara:

Repetiu-se a exaustão que os nativos não pronunciavam as letras F, L, e R por não terem fé, nem lei, nem rei, o que às vezes, significa vê-los como pobres inocentes em estado de homem, mas para os jesuítas era claro sinal de anarquia diabólica em que viviam (VAINFAS, 2010, p.46).

É necessário ressaltar que catequizar os indígenas não era apenas para angariar fiéis, com os indivíduos convertidos, receberem ordens mais facilmente e assim seriam dominados e utilizados como escravos. Até grandes figuras que se destacaram por sair em defesa dos indígenas, era a favor da escravidão, exemplo disso foi o padre Bartolomeu de Las Casas durante a colonização espanhola na América Central. Percebemos que até que ele que era a favor dos indígenas, também os via como seres inferiores.

Por fim, outro ponto importante a ser tocado é o sincretismo religioso do período. À primeira vista, os europeus viram os indígenas como folhas em branco prontas para serem escritas, o que foi um grande engano. Houve bem mais resistência do que os jesuítas imaginaram, o que levou muitos a desistirem do processo. De acordo com Souza (2009), um dos motivos para que o sincretismo nascesse no Brasil foi a falta de qualidade por parte da primeira geração de jesuítas. No período holandês, somou-se o protestantismo o qual de acordo com Vainfas e Souza (2000), a liberdade oferecida pelos holandeses passou a segurança para os judeus da região voltarem a praticar sua religião, o que na época do catolicismo não era permitido. Dessa forma, percebemos que dominação e religião andavam juntas, fosse para conquistar aliados ou destruir inimigos.

### **3.2 A chegada do protestantismo no Nordeste**

Ao longo da colonização, tudo que ocorria na Europa era refletido no Brasil. Logo, os conflitos religiosos ocorridos ao longo da história entre protestantes e católicos também ocorreram nas terras além mar.

A partir da Reforma Protestante iniciada por Martin Luther em 1517, o protestantismo passou a se expandir por diversos países europeus e convertendo cada vez mais fiéis. De acordo com Silva (1999), os fiéis católicos desejavam uma

igreja mais próxima deles e Lutero possibilitou isso ao traduzir a bíblia, permitindo aos cidadãos comuns terem acesso à palavra de Deus. Logo após Lutero surgiu o teólogo João Calvino o qual concretou a reforma:

O calvinismo cristalizou a Reforma, Lutero e Zuínglio tinham modificado radicalmente a antiga religião, mas para além do vigoroso realce dado à Palavra de Deus, as crenças reformas careciam duma autoridade precisa, duma direção organizada e duma filosofia lógica. João Calvino deu-lhes tudo isto [...] (DELUMEAU, 1967. p.5).

Nos Países Baixos o calvinismo foi de extrema importância para o surgimento e expansão dos primeiros movimentos protestantes, fortalecido ainda mais após o país se tornar independente da Espanha. Foram os holandeses calvinistas que se estabeleceram em Pernambuco em 1630 após a tentativa frustrada seis anos antes na Bahia. Assim como os portugueses, inicialmente o objetivo era angariar riquezas, mas logo em seguida os holandeses também começaram o processo de conversão ao protestantismo. No relato do teólogo Gaspar Barleus (1645), ele destaca que a salvação de almas era tão importante quanto o aspecto econômico:

Os mais religiosos pediam suas razões a religião e a conveniência de se propagar uma doutrina mais pura, alegando se deveria acender o facho da fé para guiar os povos que tateavam no reino das trevas; e que não deveria estender só o império humano, senão também o de Cristo; que era necessário e possível associar as vantagens dos comerciantes o cuidado de se salvarem tantas nações; que assim os negócios seriam piores, e a piedade útil (BRANDÃO, BARLEUS, 1645. p. 11).

Pode se dizer que o processo de instauração do protestantismo no Nordeste foi mais difícil que o do catolicismo, pois além de lidar com as crenças pagãs indígenas, ainda enfrentou a igreja católica.

Do ponto de vista dos moradores das capitanias Parahyba e Pernambuco, durante a resistência dos portugueses aos holandeses, os primeiros anos foram de completo caos pois não importava que partido tomassem estariam sujeitos a retaliações do outro lado. Como Boxer (1973), destaca:

Nessa luta de guerrilhas eram os infelizes moradores as maiores vítimas. Estavam sujeitos a ser tratados como traidores por ambos os lados, caso tentassem conservar-se neutros; ao passo que, se mantivessem fiéis a um dos lados, se exporiam às mais selvagens vinganças dos do lado oposto. (BOXER, p. 91, 1973).

De acordo com Silva (1999), os calvinistas ofertaram tolerância para os portugueses, como a de que estes não eram obrigados a jurar fidelidade à religião

protestante. O mesmo não ocorreria com indígena, e assim como ocorreram as missões católicas, logo ocorreram as missões protestantes. As quais eram realizadas de maneira similar, um predicante era enviado às aldeias com o dever de converter os indígenas daquela tribo ao calvinismo:

Para instruir essa gente simples e ignorante, era desejo antigo que se apresentasse alguém que aceitasse estudar a língua usada por eles: a isto decidiu-se o predicante Davi Doorenslaer, para aplicar-se inteiramente ao estudo e tomar a seu cargo o ensino dos bralísianos, tendo sido designado para predicante deles (DUSSEN, op.cit, p. 89).

Somado a isso, foram distribuídos livros para os moradores explicando a nova fé, como podemos ver no relato do Frei Manuel Calado:

[...]os predicantes dos holandeses haviam derramado por toda a terra uns livrinhos, que se intitulavam: o católico reformado, em língua espanhola, compostos por fulano Carrascon, cheios de todos os erros de Calvino e Lutero, e persuadiram aos ignorantes (e ainda os que não eram) que a verdadeira religião era a que naqueles livros se ensinava [...] (CALADO, op. cit, v 1, p. 81).

Há a ideia de tolerância por parte dos holandeses durante esse período para com os portugueses, entretanto ao analisarmos a literatura da época percebemos que não durou muito tempo, um dos exemplos, foi a destruição de igrejas católicas em massa. Mas, por que as destruir? O objetivo era converter todos a fé protestante, logo, a existência desses templos seria sinônimo da presença constante do catolicismo. Logo as ordens dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos foram expulsas das terras dominadas.

Após a retiradas das ordens religiosas católicas, a igreja reformada começou a buscar formas de espalhar a forma protestante, foi apenas em 1638 que o método de enviar um pastor para aldeias foi adotado. Segundo Duarte (2004):

Os ministros reformados seguiram o sistema de aldeamentos, antecipados pelos padres jesuítas, e controlaram cerca de 21 aldeias, cada uma com um capitão holandês ou indígena. A obra missionária foi, então, iniciada pelo primeiro pastor missionário de tempo integral, Doerslaer, nas aldeias da Paraíba (DUARTE, p.4, 2004).

Como podemos observar neste tópico, a chegada dos holandeses no Nordeste, inicialmente por Pernambuco foi conturbada, desejavam professar sua fé, porém a presença da igreja católica tornou esse processo ainda mais difícil. Na teoria, foi oferecida a tolerância religiosa, mas na prática esta não aconteceu pois havia uma

recorrente disputa entre protestantes e católicos, no qual um tentava se sobrepor sob o outro, resultando em diversos conflitos.

### **3.3 A missão protestante na Paraíba**

A passagem da igreja protestante pela Paraíba foi similar à que aconteceu em Pernambuco. O processo foi realizado em cima dos caminhos que a igreja católica havia trilhado, ou seja, as missões religiosas. No período em que os batavos chegaram, Filipéia já possuía igrejas e conventos, eram estes: o convento de São Francisco que era o principal, o das Carmelitas que estava em construção e só foi finalizado após a saída dos holandeses e o de São Bento, o qual foi utilizado como fortificação. As igrejas eram, a matriz, a da misericórdia, de Duarte Gomes da Silveira, e uma igrejinha, ou capela, com a denominação de São Gonçalo no extremo leste da cidade (HERCKMANS, p. 13-14, 1982). Na Paraíba também houve a tentativa de manter a tolerância religiosa para evitar novos conflitos, entretanto, assim como em Pernambuco, não funcionou e logo as ordens religiosas católicas foram expulsas da Paraíba. A seguir, Tavares (1985) nos apresenta uma destas situações que levou à expulsão:

Por essa época caiu em poder dos holandeses uma correspondência dos franciscanos da Paraíba, dirigida a Matias de Albuquerque com notícias reputadas aleivasas, além do que, manifestava o desejo de ver desferido um golpe de morte sobre o regime herético que se implantava no país. Lá se foi a tolerância religiosa do Conselho Político. Os frades franciscanos foram expulsos para as Índias Ocidentais e ocupado o convento, que se transformou em sede do governo (TAVARES, p.36, 1985).

Naquela altura, de acordo com Vainfas (2006) o Relatório das Missões da Paraíba apresentado pelos Jesuítas aos holandeses havia seis missões católicas no território da Parahyba eram estas: 1. Aldeia de Jaraguaçu; 2. Missão de Utinga (Jacknigh – grafia holandesa do período); 3. Aldeia de lapuã, que acreditamos ter sido a aldeia do Miriri; 4. Aldeia de Tapoá; 5. Aldeia de Jacoca; 6. Aldeia de Pindaúna (SANTOS, p.95, 2014). De acordo com Brito (2013), até 1638 as aldeias na Paraíba não dispunham de serviços fixos dos missionários calvinistas. A situação mudou após o pedido dos índios da região, o pastor David Van Durenslaer ser enviado para a missão fundada no limite da Capitania da Paraíba com a de Itamaracá, que em homenagem ao Conde Maurício de Nassau foi intitulada de Maurícia, foi capitaneada pelo potiguara Pedro Poti.

Durenslaer foi um indivíduo de extrema importância na construção de Maurícia, após ser enviado iniciou sua missão, e difundiu o ensino religioso em holandês e tupi. Brito (2013), afirma que o trabalho do pastor foi tanto sucesso, que este receberá elogios dos representantes do presbitério do Brasil em cartas aos senhora XIX, durante processo os próprios indígenas (compostos por Tabajaras e potiguaras das aldeias de Jacoca de Pindaúna) expulsaram os padres das aldeias. A respeito da localização da missão:

[...] esta missão calvinista se situava no litoral sul da Capitania, à margem esquerda do atual rio Aterro, num lugar entre as missões de Pindaúna e Urutaqui, atuais localidades de Mata Redonda em Alhandra. Muito provavelmente Maurícia estava centrada no lugar onde hoje se encontra o assentamento João Gomes [...] (BRITO, 2013 p.119).

O pouco que sabemos sobre o funcionamento das missões calvinistas é a respeito das que foram localizadas em Pernambuco. A paraibana devido a ausência de documentos nos arquivos nacionais, sabe-se muito pouco. Sobre o serviço religioso nesse período Mello (1999), afirma:

Tal pregação foi continuada, provavelmente com algumas interrupções nos primeiros anos de ocupação. No entanto, pelo menos em 1639, o serviço religioso foi regular, através da palavra do “dominus” Cornelis van der Poel e do proponente Jan Michiel bem como do “dominus” Samuel Bachiler. Este, pregou primeiramente em inglês, justamente porque no reduto Margarida estava aquartelada a companhia do sargento-mor John Godlad, composta quase toda de soldados ingleses, no seu período de serviço (MELLO, p.181, 1995).

Do ponto de vista arqueológico menos ainda, visto que, até hoje não foram encontrados vestígios na região da aldeia Jacuípe, local onde teria servido como base para as missões protestantes. Comparada às missões religiosas católicas, o tempo de existência da missão protestante foi relativamente curto, possivelmente esta foi extinta durante a batalha do Jacuípe que teria ocorrido em janeiro de 1646, a qual os portugueses cercaram a aldeia e atacaram. Por fim, de acordo com Mello (1999) os protestantes calvinistas não construíram igrejas na Paraíba, a contribuição material dos holandeses à Paraíba não equivale a que deram ao Recife.

#### 4 O fim do domínio holandês

Diversos fatores levaram a expulsão dos holandeses, entretanto de acordo com Mello (1995), o principal fator veio a ser o econômico:

A reação contra os Flamengos teve, assim, fundamentação econômica, até bem porque o nascente nativismo não representava o abstrato sentimento de amor à terra, mas a preservação de riquezas desta. Veja-se, a propósito, que um dos principais chefes da insurreição Pernambucana, João Fernandes Vieira, Governador da Paraíba, após a expulsão dos holandeses, encabeçavam a lista dos devedores da Companhia (MELLO, p.58, 1995).

O domínio holandês não chegou a criar raízes e reunir forças o suficiente para se tornar fixo. O apoio da coroa portuguesa ao governo geral fez com que a resistência nordestina nunca permitisse que os holandeses conquistassem a estabilidade total. Ao longo dos anos foram ocorrendo diversas batalhas no território paraibano, em artigo OLIVEIRA (2021), faz uma análise desses conflitos ocorridos, este será utilizado como base para analisarmos esse período. Quase uma década antes de assinar o termo de rendição, ocorreu o estopim que levaria as batalhas ocorridas na Paraíba, a Insurreição Pernambucana. Uma das medidas de contenção foi o envio do conselheiro Paulo Linge em 1645 para a Paraíba e sua missão principal ao assumir o cargo de governador foi de conter os focos de manifestações que já estavam ocorrendo em diversas partes, logo também ordenou a prisão dos principais líderes da revolta pernambucana, dentre estes estavam André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Henrique Dias e Filipe Camarão. Um dos principais aliados do governador foi Pedro Poti, o indígena que estava responsável pela missão Maurícia, ele foi enviado junto com sua tropa composta por indígenas, para a região do rio Paraíba a fim de encontrar grupos rebeldes.

Sobre esse momento Varnhagen (1995) descreve:

Já começava a ser gerada crença de que o Recife ia cair, mais dias, menos dias, pela fome, ou de que os seus próprios defensores resolveram retirar-se dando tudo por perdido. A deserção crescia, contando-se cinquenta baixas desde 15 de maio a 16 de julho. A certeza do rompimento de uma guerra entre Holanda e a Inglaterra, acaba de desanimar a todos (MONTEIRO, p.202 e 203, 1972).

As medidas do governador não tiveram grande impacto pois foi neste mesmo ano (1645) que ocorreu a batalha do Inobim, a batalha tem este nome pois ocorreu próximo ao riacho Inobim, em que tropas holandesas comandadas por Pedro Poti e do outro lado os insurrectos comandados por Francisco Gomez se enfrentaram e a vitória foi dos portugueses. Massacres nos engenhos começaram a ocorrer, os demais destaques foram os da fazenda Eduardo Gomes da Silva e o Massacre do Engenho Santiago Maior ambos ocorridos em novembro. Destacamos também a Batalha de Jacuípe a qual possivelmente deu fim a aldeia potiguara que era utilizada como base

para as missões protestantes. Todos os estes ataques resultaram na recua dos holandeses para o forte de Margarida, atual fortaleza de Santa Catarina

Foi em 26 de janeiro de 1654 que foi assinado o termo de rendição os holandeses, o qual implicava que o Supremo Conselho da Holanda entregasse o domínio das Praças de Itamaracá, Ilha de Fernando de Noronha, Ceará, Rio Grande e Paraíba, este deu o prazo de três meses para se retirarem. Apesar disso, por parte de alguns militares temendo uma retaliação imediata, a retirada ocorreu de forma rápida e desorganizada, como foi o caso do Coronel Hautjn:

[...] o coronel Hautijn, com ele e os demais holandeses aí residentes, se embarcaram precipitadamente, e sem ao menos poderem dispor dos seus bens e escravos: estes com os índios, se meteram ao sertão. Cumpre esclarecer, em honra do coronel Hautijn, que antes de partir soltou ele os prisioneiros nossos que retinha; e lhe entregou a fortaleza, para que se defendem contra qualquer ato de barbárie (VARNHAGEM, p.386, 1955).

Dias depois desembarcou o Mestre de Campo Francisco Figueroa desembarcou na Paraíba acompanhado por 850 soldados, em uma cerimônia entre tiros e sinos, a bandeira da Coroa Portuguesa foi erguida decretando a volta dos portugueses ao poder.

O processo de reconstrução da Paraíba após a passagem holandesa, durou décadas, a fortaleza de Santa Catarina foi destruída, uma nova demorou mais de quarenta anos para ser construída. Câmara (2000) se refere a este período em que “com a restauração voltou aos poucos a paz aos lares paraibano”. Posteriormente retornaram às ordens religiosas como os jesuítas. Em consequência de tão profundo colapso na vida paraibana, era natural que as aldeias, anteriormente tão bem orientadas, estivessem desorganizadas e muitas arruinadas (CÂMARA, p 44, 2000). Como reforço para impor o catolicismo novamente, foi nesse momento que começou a exploração ir em direção ao sertão. Se intensificou então o movimento dos bandeirantes paulistas para o interior, as construções das primeiras fazendas de gado no alto sertão e acompanhado destes, os missionários. É necessário ressaltar que apesar de Elias Herckmans ter explorado o interior, nenhum trabalho missionário foi realizado na região. Como foi explicado anteriormente, os calvinistas não chegaram a construir templos, por este motivo não encontramos resquícios da Paraíba Calvinista.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando a apresentação da investigação que foi proposta neste trabalho chegamos a algumas considerações. Ao investigarmos a historiografia paraibana percebemos que está ainda não possui a sua linha do tempo completo, há muitos períodos de nossa história que ainda são obscuros e merecem aprofundamento, no desenvolver deste trabalho verificamos que o período de dominação holandesa não foge a esta realidade. É comum encontrarmos excelentes trabalhos a respeito das grandes batalhas, a permanência e sua expulsão. Entretanto, muito pouco é encontrado sobre a cultura e principalmente a respeito da religião, notando esta ausência surgiu o objetivo de contribuir que nos levou ao desenvolvimento deste trabalho.

A respeito da construção do nosso trabalho analisamos os precedentes que acarretaram no holandeses no Brasil, sendo assim, no primeiro capítulo expomos o governo filipino período e o fato deste ter ocorrido alterou o rumo da história da Paraíba, uma das principais característica dele foi a necessidade de expandir a fé católica por toda Europa e barrar o avanço do protestantismo, o que o mesmo ocorreu aqui refletindo em diversas batalhas (as quais são pouco exploradas no meio acadêmico).

Adiante no segundo capítulo focamos na presença do protestantismo no Nordeste, o que nos permitiu ter uma visão geral das tentativas não só de conquista territorial, mas de angariar fiéis para a igreja protestante. Um dos resultados da nossa pesquisa foi um estudo mais aprofundado sobre a suposta “tolerância religiosa” existente durante esse período, esta não passou de uma tentativa inicial para que os cidadãos simpatizassem com a nova fé, o que funcionou em alguns casos e outros não, resultando em conflitos e expulsão dos católicos e destruição dos seus templos, o que explica o motivo de não possui atualmente nenhuma arquitetura desta época nos tempos de hoje. Maurícia foi realizada em uma aldeia, esta não chegou a possuir nenhum templo, o seu surgimento foi a partir da necessidade de levar os nativos para o protestantismo. O tempo de existência dessa missão foi pequena comparada à de ordens religiosas católicas que existem após retornarem existem até hoje na Paraíba, porém isto não diminui sua importância, pelo contrário a torna mais valiosa ainda, afinal como foi seu funcionamento é pouco conhecido, reunindo as informações

conseguimos montar uma linha de tempo desde o seu início, seu período e uma data mais aproximados que foi finalizada, dos seus responsáveis, dentre outros.

No terceiro capítulo realizamos um resumo das consequências que levaram à saída dos holandeses e das consequências que a execução da missão protestante trouxe à Paraíba.

Por fim, estamos satisfeitos com os resultados obtidos nesta pesquisa pois conseguimos alcançar o nosso objetivo principal que foi estudar a presença de Maurícia na Paraíba. O acesso aos arquivos deste período da nossa história não é tão simples, visto que, os em língua portuguesa são em poucas quantidades a outra parte possivelmente se encontram nos arquivos holandeses. Reafirmamos que esta é apenas uma pesquisa inicial, que abre caminhos para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625**. Salvador: Editoria Pontocom, 2013.

BEHRENS, **Ricardo** Henrique B. A capital colonial e a presença holandesa de 1624-1625, Dissertação de mestrado, UFBA, **2004**.

BOXER, Charles Ralph. **Os holandeses no Brasil: 1624-1654**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961. (Coleção Brasileira, vol. 312).

BRANDÃO, Cláudio; BARLEUS, Gaspar. **Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum**. Amsterdã, Holanda: Joan Blaeu, 1647

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII: o Tempo do Mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRITO, Vanderley de. **Missões na capitania da Paraíba**. Campina Grande: Cópias & Papéis Gráfica e Copiadora, 2013.

CALADO, Frei Manuel. **O valoroso lucideno**. v.1. SP: Edusp; BH: Itatiaia, 1987.

CAMPOS, Flávio de. **História ibérica. Apogeu e declínio**. São Paulo: Contexto, 1991.

CÂMARA, Epaminondas. **Evolução do catolicismo na Paraíba**. Campina Grande: Edições Caravela, 2000.

CODES, Ana Isabel López-Salazar. **O Santo Ofício no tempo dos Filipes: transformações institucionais e relações de poder**. Coimbra, Centro de História da Sociedade e da cultura, 2009.

DELUMEAU, Jean. **La reforma**. Trad. José Termes. Barcelona: Labor, 1967.

DIAS, Carlos Malheiros. **História da colonização Portuguesa no Brasil**. Porto, Lit. Nacional, Vol. III, 1921.

DUARTE, Milena. **A presença da Igreja Reformada no Nordeste (1630-1654): Uma avaliação da missão indígena**. In: Memória & História - V Encontro Nordestino de História/ V Encontro Estadual de História, 2004, Recife. **Memória & História - V Encontro Nordestino de História/ V Encontro Estadual de História - Resumos**, 2004.

FLORES, Moacyr. **Colonialismo e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Est/Instituto de Cultura Hispânica do RS, 1983.

HERCKMANS, E. **Descrição geral da capitania da Paraíba**. João Pessoa: A União Editora, 1982.

ISRAEL, Jonathan I. **The Dutch Republic: Its Rise, Greatness and Fall, 1477-1806**. New York: Oxford University Press, 1995.

KEEGAN John. **Uma história da guerra**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 334.

LAET, Joannes de. **História ou annaes do Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes** desde seu começo até o fim do anno de 1636, vol. I-XIII. Traduções de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. In: Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 30, 33, 38, 41-42. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912-1925. 13v.

LIMA, Fábio de Araújo Costa. **Dos Países Baixos às Províncias Unidas: projeção de poder e riqueza no contexto de múltiplas e recorrentes lutas**. Orientador: Mauricio Medici Metri. 140 f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2016. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PEPI/disserta%C3%A7%C3%B5es/2016/FABIO%20LIMA.pdf>. Acesso: 24 jul 2022.

LUCENA, R. G. **O DESENVOLVIMENTO URBANO DE RECIFE NO PERÍODO DE DOMÍNIO HOLANDES, ENTRE OS ANOS DE 1630-1645**. In: V Colóquio de História da Unicap, 2011, Recife. Anais Eletrônicos do V Colóquio de História. Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. 2011. v. V. p. 1491-1502.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995.

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. **Fortaleza de Santa Catarina**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Imp. Universitária, 1972.

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso- **Pequena história da Paraíba**. UFPB. Editora Universitária- 1980.

NAVARRO, Luize Stoeterau. **Entre dois mundos: câmaras e escabinos na circularidade da cultura jurídica no Brasil holandês (1630-1654)** 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em direito) – Programa de Pós-Graduação em direito, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

NICOLAU, Cláudia Filipa. **Dinastia Filipina: Recursos e experiências de aprendizagem na aula de História**. FLUC, 2018.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. **Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico**. 2016. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. **Relatos de trincheira: o diário de Ambrósio Richshoffer sobre as guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631)**. Revista Universitária de História Militar. Vol 7, 2018.

TAVARES, Pe. Eurivaldo Calda Tavares. **Itinerário da Paraíba Católica. Governo do Estado da Paraíba**. João Pessoa, 1985.

Pero Vaz de Caminha. In: OLIVIERI, A.C.; VILLA, M.A. **Crônicas de descobrimento**. São Paulo: Atica, 1999.

RICHSHOFFER, Ambrósio. **Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais** (1629-1632), 2ª ed, São Paulo/Brasília, IBRASA/INL, 1978.

ROSÁRIO, Paulo do. **Relaçam breve e verdadeira da memorável victoria, que ouve o Capitão-mor da Capitania da Paraíba Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda, que são vinte naus de guerra, e vinte e sete lanchas: pretenderão occupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar.** Lisboa: impresso por Jorge Rodrigues. 1632.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Missões religiosas ibéricas na capitania da paraíba: atividades historiográficas e arqueológicas para identificação estrutural e obras missionárias no processo civilizador do indígena.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014, Porto Alegre.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês** (1630 a 1654). São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHWARTZ, Stuart b. **“The Voyage of Vassals: Royal Power, Noble Obligations, and Merchant Capital before the Portuguese Restoration of Independence, 1624-1640”**. The American History Review, vol. 96, n.3, jun. 1991, p. 735-762.

SILVA, Edna Da. **Conflitos religiosos em Pernambuco durante a dominação holandesa.** Universidade Federal do Paraná, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Tempo dos Filipes no Brasil colonial: enfoques historiográficos, possibilidades de investigação.** Revista Maracanan, n.16, Rio de Janeiro, p. 14-33. jun 2017.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os santos.** 2ª ed Rio de Janeiro, 2002.

VARNHAGEN, Francisco Adolpho. **História Geral do Brasil.** 10. ed. integral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. Primeira edição entre 1854 e 1857.

XAVIER, Rômulo. **“A flecha e o mosquete: índios e batavos no Brasil holandês.”** Clio, n. 2, p. 2007, p. 130-149.